# INDICADORES EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ANÁLISE DOS RESULTADOS DO SARESP

Driely Turi Ursini [1]
Camila Fernanda Bassetto[2]
Lucas Cesar Munhoz [3]

## INTRODUÇÃO

Os indicadores educacionais constituem instrumentos centrais para o acompanhamento da qualidade da educação, subsidiando processos de diagnóstico, monitoramento e formulação de políticas públicas. No contexto brasileiro, as avaliações em larga escala assumem papel estratégico ao produzir dados sistemáticos sobre o desempenho dos estudantes, permitindo análises comparativas ao longo do tempo e entre diferentes unidades educacionais. Tais indicadores, contudo, demandam leituras contextualizadas, sobretudo em cenários marcados por profundas transformações nos processos de ensino e aprendizagem.

A pandemia da COVID-19 configurou-se como um evento disruptivo para os sistemas educacionais, provocando a interrupção das atividades presenciais e a adoção do ensino remoto emergencial em larga escala. Esse contexto impôs desafios inéditos às redes de ensino, aos profissionais da educação e aos estudantes, intensificando desigualdades preexistentes e afetando diretamente as condições de aprendizagem. Diante desse cenário, a interpretação dos indicadores educacionais produzidos no período pandêmico e pós-pandêmico tornou-se ainda mais complexa, exigindo cautela analítica e compreensão das múltiplas variáveis que atravessaram o processo educativo.

No estado de São Paulo, o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) constitui um importante instrumento de avaliação externa, amplamente utilizado para o monitoramento do desempenho dos estudantes da rede pública estadual. Os resultados do SARESP são frequentemente mobilizados como

[1] Doutoranda no programa de pós-graduação em Educação Escolar Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - Universidade Estadual Paulista – FCLAR/UNESP, dricaursini@gmail.com;
[2] Docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - Universidade Estadual Paulista – FCLAR/UNESP, camila.bassetto@unesp.br;
[3] Doutorando no programa de pós-graduação em Educação Escolar Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - Universidade Estadual Paulista – FCLAR/UNESP, lucas.munhoz@sesisp.org.br;

indicadores de aprendizagem e orientam ações de gestão educacional e definição de políticas públicas. Entretanto, a excepcionalidade do contexto pandêmico coloca em evidência os limites e as potencialidades desses indicadores, especialmente no que se refere à comparação longitudinal dos dados e à atribuição de causalidade aos resultados observados. Nesse sentido, torna-se relevante investigar de que modo os impactos da pandemia da COVID-19 se refletem nos indicadores educacionais derivados do SARESP, considerando as condições pedagógicas e sociais que marcaram o período analisado, entre os anos de 2019 e 2022.

Diante desse quadro, o presente artigo tem como objetivo analisar os indicadores educacionais provenientes dos resultados do SARESP, com foco nos impactos da pandemia da COVID-19 sobre o desempenho dos estudantes da rede pública estadual no município de Franca/SP. Busca-se compreender as variações observadas nos indicadores de aprendizagem e discutir os desafios e possibilidades de utilização como instrumentos de diagnóstico e apoio à formulação de políticas educacionais em contextos de crise.

## METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem quantitativa, de natureza documental e descritivo analítica, cujo objetivo é analisar os impactos da pandemia da COVID-19 nos indicadores educacionais a partir dos resultados do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP).

Os dados analisados referem-se às edições do SARESP dos anos de 2019, 2021 e 2022, contemplando estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental das escolas públicas estaduais do município de Franca, localizado no interior do estado de São Paulo. A escolha desse recorte temporal possibilita a comparação entre o período pré-pandemia, o momento de aplicação da avaliação em contexto pandêmico e o período imediatamente posterior à retomada das atividades presenciais. Foram considerados os resultados dos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Matemática, organizados de acordo com os níveis de proficiência definidos pelo sistema de avaliação: Abaixo do Básico, Básico, Adequado e Avançado. Esses níveis constituem indicadores educacionais amplamente utilizados para o monitoramento da aprendizagem e para a análise do desempenho escolar em larga escala.

Os procedimentos de análise consistiram na comparação percentual dos estudantes em cada nível de proficiência, ao longo dos anos selecionados, buscando identificar variações associadas ao período pandêmico. A análise dos dados foi realizada de forma agregada, considerando o conjunto das escolas estaduais do município, de modo a evidenciar tendências gerais do desempenho educacional no período analisado.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Indicadores educacionais e avaliações em larga escala

Os modelos de avaliação compõem a pauta de diversos estudos da área. Educadores e pesquisadores discutem sobre os métodos comumente utilizados para avaliar os estudantes, em especial quando as avaliações são externas (Alavarse et al., 2013). Os indicadores educacionais desempenham papel central no acompanhamento da qualidade da educação e na formulação de políticas públicas, ao sintetizarem informações complexas sobre processos e resultados educacionais. No âmbito das políticas educacionais, esses indicadores são amplamente utilizados para diagnóstico, monitoramento e avaliação do desempenho dos sistemas de ensino, orientando decisões administrativas e pedagógicas em diferentes níveis de gestão.

No Brasil, Brito e Conceição (2024) apontam a década de 1980 como início da ideia de avaliar. Porém, a consolidação das avaliações em larga escala ocorreu sobretudo a partir da década de 1990, em consonância com reformas administrativas e educacionais que enfatizaram a mensuração de resultados como estratégia de regulação das políticas públicas. Sistemas nacionais e estaduais de avaliação passaram a produzir dados padronizados sobre o rendimento escolar, permitindo análises comparativas entre escolas, redes e períodos históricos. Nesse contexto, avaliações como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e os sistemas estaduais assumiram relevância como instrumentos de produção de indicadores educacionais. Segundo Hojas (2017),

> Os sistemas de avaliação começaram a ocupar posição de destaque na política educacional brasileira a partir dos anos 1990 em decorrência das mudanças promovidas na configuração organizacional do Estado. Nesse contexto, a avaliação passou a ser apontada como elemento privilegiado para o diagnóstico e a tomada de decisão com vistas à melhoria da qualidade do ensino oferecido nas escolas. (HOJAS, 2017, p. 14).

O Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) insere-se nesse movimento, constituindo-se como uma avaliação externa

aplicada aos estudantes da rede pública estadual, com foco no desempenho em componentes curriculares específicos, como Língua Portuguesa e Matemática. Os resultados do SARESP são frequentemente utilizados como indicadores de aprendizagem e integram mecanismos mais amplos de acompanhamento educacional no estado de São Paulo, subsidiando a definição de metas e ações no âmbito da gestão educacional. Entretanto, a literatura especializada aponta que os indicadores educacionais não devem ser interpretados de forma isolada ou descontextualizada, uma vez que a avaliação educacional deve considerar os processos pedagógicos e as condições concretas em que se realiza (LUCKESI, 2011; CÁSSIO, 2019). As avaliações em larga escala, embora relevantes para o monitoramento dos sistemas educacionais, capturam recortes específicos da realidade escolar e não contemplam, de maneira plena, a complexidade dos processos de ensino e aprendizagem. Segundo Luckesi (2011),

> A avaliação, quando reduzida à mera mensuração de resultados, perde seu sentido pedagógico, uma vez que desconsidera o processo educativo, as condições em que a aprendizagem ocorre e os sujeitos nela envolvidos. Avaliar implica compreender o contexto no qual o ensino e a aprendizagem se desenvolvem, sob pena de se produzir diagnósticos parciais e distorcidos. (LUCKESI, 2011, p. 173).

Corroborando os apontamentos de Luckesi (2011), Cássio (2019) afirma que os indicadores de desempenho e de reprovação e evasão construídos a partir das avaliações de larga escala não caracterizam medidas suficientes da qualidade de ensino. Desse modo, fatores como as condições socioeconômicas dos estudantes, a infraestrutura escolar, a formação docente e as práticas pedagógicas exercem influência significativa sobre os resultados obtidos, demandando análises que considerem tais dimensões. Ainda que os indicadores oriundos das avaliações externas possam expressar, em certa medida, aspectos relacionados à qualidade da educação, sua interpretação deve reconhecer a existência de múltiplos fatores que incidem sobre a aprendizagem, os quais extrapolam o desempenho mensurado nos testes padronizados.

Além disso, Soares (2004) destaca que a utilização de indicadores educacionais baseados exclusivamente em médias pode produzir diagnósticos limitados, uma vez que tais medidas tendem a ocultar desigualdades internas aos sistemas de ensino. Segundo o autor, a análise da distribuição dos estudantes ao longo da escala de proficiência permite identificar concentrações nos níveis mais baixos de desempenho, aspecto fundamental para a compreensão da qualidade associada à equidade educacional.

Assim, embora os indicadores educacionais representem ferramentas fundamentais para o diagnóstico e o monitoramento da educação, seu uso requer uma abordagem analítica crítica, especialmente quando empregados como base para a formulação e avaliação de políticas públicas. Essa necessidade torna-se ainda mais evidente em contextos de crise, nos quais as condições de escolarização se alteram de forma significativa, como ocorreu durante a pandemia da COVID-19.

**A pandemia da COVID-19 e os desafios na leitura dos indicadores**

A pandemia da COVID-19 provocou uma ruptura sem precedentes nos sistemas educacionais, resultando na suspensão das atividades presenciais e na adoção do ensino remoto emergencial em larga escala. No Brasil, esse processo ocorreu de forma heterogênea, evidenciando desigualdades estruturais relacionadas ao acesso às tecnologias digitais, às condições de acompanhamento pedagógico e ao suporte oferecido pelas redes de ensino. Tais condições impactaram os processos de ensino e aprendizagem e, consequentemente, os indicadores educacionais produzidos no período.

No contexto das avaliações em larga escala, a pandemia impôs desafios adicionais à leitura e à interpretação dos resultados. Indicadores educacionais tradicionalmente utilizados para monitorar o desempenho dos sistemas de ensino passaram a refletir não apenas aspectos pedagógicos e curriculares, mas também os efeitos de fatores externos à escola, como condições socioeconômicas, acesso a equipamentos e conectividade, além das diferentes estratégias adotadas pelas redes de ensino para garantir a continuidade das atividades escolares.

A aplicação das avaliações externas durante e após o período pandêmico demanda, portanto, cautela analítica. A comparação longitudinal dos resultados requer a consideração de contextos educacionais profundamente distintos, uma vez que os dados de desempenho refletem condições excepcionais de escolarização. Assim, variações nos indicadores não podem ser atribuídas exclusivamente à qualidade do ensino ou à atuação das escolas, devendo ser compreendidas à luz das limitações impostas pelo ensino remoto emergencial e pelo retorno gradual às atividades presenciais.

Além disso, o uso de indicadores educacionais em contextos de crise reforça a necessidade de análises que ultrapassem a simples observação das médias de desempenho. Indicadores agregados podem ocultar o crescimento do contingente de estudantes em situação de maior defasagem de aprendizagem, especialmente aqueles

classificados nos níveis mais baixos de proficiência. Nesse sentido, a análise da distribuição dos estudantes por níveis de desempenho constitui ferramenta fundamental para evidenciar desigualdades educacionais ampliadas durante a pandemia.

Outro desafio relevante diz respeito ao uso dos resultados das avaliações externas para fins de responsabilização e ranqueamento escolar. Em um contexto marcado por profundas desigualdades e por condições atípicas de ensino, a utilização dos indicadores sem a devida contextualização pode produzir interpretações distorcidas e decisões de política pública inadequadas. A pandemia evidenciou, assim, a necessidade de compreender os indicadores educacionais como instrumentos de diagnóstico e apoio à tomada de decisão, e não como fins em si mesmos.

Dessa forma, a análise dos indicadores educacionais produzidos no período pandêmico deve estar ancorada em uma perspectiva crítica e contextualizada, que reconheça tanto o potencial informativo das avaliações em larga escala quanto seus limites. Essa abordagem é essencial para subsidiar políticas públicas educacionais voltadas à recomposição das aprendizagens e à redução das desigualdades, especialmente em redes públicas que atendem populações socialmente vulneráveis.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participação dos estudantes da Rede Estadual nas edições analisadas do SARESP constitui elemento relevante para a interpretação dos resultados, especialmente no contexto da pandemia da COVID-19. Foi possível observar uma redução significativa da participação em 2021, sobretudo no segundo dia de aplicação, refletindo os efeitos diretos da pandemia sobre a frequência dos estudantes nas avaliações externas (BRASIL, 2022). Entre os anos de 2019 e 2021 observa-se uma redução de quase 10% no total de participantes no primeiro dia e de 13% no segundo dia. Em 2022, verifica-se recuperação parcial da participação, ainda inferior aos níveis observados no período pré-pandêmico.

A menor participação dos estudantes no segundo dia pode ser explicada por diversos fatores, tais como, falta de identificação dos estudantes com as unidades escolares e seu sistema; banalização do próprio sistema de avaliação; ausência de interesse dos estudantes por um tipo de avaliação que não terá impacto direto nos conceitos atribuídos por docentes, entre outros. A queda entre 2019 e 2021, poderia ser causa direta da adaptação e da reconstrução dos vínculos com as unidades escolares.

No período analisado, além da redução no número de participantes, foram registradas quedas nas médias das notas em 2021, tanto na Rede Estadual quanto na Diretoria de Ensino de Franca/SP, seguidas de recuperação em 2022. No entanto, os valores observados após a pandemia não alcançam os níveis de desempenho registrados em 2019. Este comportamento é observados nas duas disciplinas.

Para Língua Portuguesa, nos anos de 2019, 2021 e 2022, as médias na Rede Estadual foram, respectivamente, 249,6; 241,4 e 244,2, e na Diretoria de Ensino de Franca, os valores alcançados foram 251,5; 244,5 e 250,1. Na disciplina de Matemática, as médias na Rede Estadual foram 259,9; 246,8 e 248,6 e na Diretoria de Ensino de Franca as médias foram iguais a 274,1; 256,1 e 259,7.

Tomando como referência os resultados de Franca e a escala de proficiência do SARESP para 9º ano em Língua Portuguesa, pode-se afirmar que, de 2019 a 2021, houve queda de rendimento dos estudantes, os quais mantiveram-se, em média, no nível Básico, evidenciando fracas habilidades consolidadas. E, mesmo obtendo tímido crescimento em 2022, a pontuação alcançada foi insuficiente para evoluir para o nível Adequado. O mesmo comportamento foi evidenciado para a disciplina de Matemática, com queda ainda maior entre os anos de 2019 e 2021. Na Rede Estadual, a redução na pontuação entre 2019 e 2021, e o crescimento diminuto de 2021 a 2022, se repetiu, mas seus indicadores foram inferiores ao das escolas de Franca. Tanto a Rede Estadual, quanto a de Franca, mantiveram-se no nível Básico para as disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática, antes, durante e após a pandemia.

Adicionalmente, foi analisada a proporção de estudantes situados nos níveis mais baixos de proficiência, especialmente o nível Abaixo do Básico. Nos anos de 2019, 2021 e 2022, considerando a disciplina de Língua Portuguesa, os percentuais de alunos que demonstraram domínio insuficiente das habilidades esperadas para a série avaliada foram, respectivamente, 13,9; 17,8 e 15,5. Considerando a disciplina de Matemática, os percentuais registrados foram iguais a 18,3; 27,9 e 24,4. Os resultados indicam aumento expressivo do percentual de estudantes no nível Abaixo do Básico em 2021, evidenciando agravamento das dificuldades de aprendizagem durante o período pandêmico. Em 2022, observa-se redução desse percentual, sugerindo recuperação parcial, embora os níveis permaneçam superiores aos observados no período pré-pandêmico.

O aumento no percentual de estudantes no nível Abaixo do Básico em Matemática no ano de 2021, quando mais de um quarto dos alunos avaliados não demonstrou as

habilidades mínimas esperadas para a etapa de escolaridade analisada, é significativamente superior ao observado em Língua Portuguesa no mesmo período, indicando que os impactos da pandemia foram mais intensos no componente curricular de Matemática. Em 2022, verifica-se redução do percentual de estudantes no nível Abaixo do Básico, sugerindo processo de recuperação das aprendizagens após a retomada das atividades presenciais. Contudo, os valores permanecem substancialmente acima daqueles registrados em 2019, o que evidencia persistência das defasagens de aprendizagem e reforça a necessidade de ações pedagógicas específicas para esse componente curricular.

A comparação entre os resultados de Língua Portuguesa e Matemática indica que, embora ambos os componentes tenham sido afetados pela pandemia, a Matemática apresentou maior sensibilidade às condições adversas de escolarização, possivelmente em função da natureza cumulativa dos conteúdos e da maior dependência de mediações pedagógicas sistemáticas. Esses achados corroboram estudos que apontam a Matemática como uma das áreas mais impactadas em contextos de interrupção do ensino presencial. Esse comportamento reforça a importância de análises que ultrapassem a média das notas, uma vez que indicadores agregados podem ocultar o crescimento do contingente de estudantes em situação de maior defasagem educacional.

No componente curricular de Língua Portuguesa, observa-se aumento expressivo do percentual de estudantes classificados no nível Abaixo do Básico em 2021, em comparação a 2019. Paralelamente, verifica-se redução nos níveis Adequado e Avançado, indicando dificuldades no desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação de textos durante o período de ensino remoto emergencial. Em 2022, os resultados sinalizam uma tendência de recuperação parcial, embora os indicadores ainda não retornem aos patamares observados no período pré-pandêmico.

Em relação à Matemática, os impactos da pandemia mostram-se ainda mais acentuados. O crescimento do percentual de estudantes nos níveis mais baixos de proficiência evidencia fragilidades no processo de ensino e aprendizagem desse componente curricular, que tradicionalmente apresenta maiores desafios pedagógicos. Assim como em Língua Portuguesa, os dados de 2022 indicam melhora gradual, mas insuficiente para compensar integralmente as perdas registradas no período pandêmico.

Sob a perspectiva de Soares et al. (2023), esses resultados reforçam a importância de análises que ultrapassem a simples observação das médias de desempenho. A análise

da distribuição dos estudantes ao longo dos níveis de proficiência permite evidenciar desigualdades internas aos sistemas de ensino que tendem a ser ocultadas por indicadores agregados. No caso analisado, o crescimento do contingente de alunos concentrados nos níveis mais baixos de desempenho, revela fragilidades estruturais do sistema educacional, agravadas pelo contexto pandêmico, e aponta para a ampliação das desigualdades educacionais. Esses resultados dialogam com estudos nacionais que apontam para a ampliação das desigualdades educacionais em contextos de crise, uma vez que o acesso desigual a recursos tecnológicos, o suporte familiar limitado e as dificuldades de mediação pedagógica impactaram de forma diferenciada os estudantes da rede pública.

Nesse sentido, os indicadores educacionais analisados neste estudo sugerem a associação entre o período de interrupção das atividades presenciais, a adoção do ensino remoto emergencial e as variações observadas nos resultados educacionais no município de Franca/SP. Tais evidências apontam para a necessidade de leituras contextualizadas dos dados das avaliações externas, especialmente no que se refere aos estudantes em situação de maior vulnerabilidade socioeducacional. Por esta razão, foram consideradas as respostas dos alunos dadas ao questionário socioeconômico, aplicado pelo SARESP, o qual é composto por 63 perguntas, divididas em blocos, considerando a opinião sobre a escola (Bloco 1), a vida escolar (Bloco 2), participação dos pais (ou responsáveis) (Bloco 3), os hábitos de estudo e leitura (Bloco 4), o clima escolar (Bloco 5), a sua casa (Bloco 6), e o estudo remoto na pandemia (Bloco 7). Para explorar o período de estudo remoto, foram selecionadas e filtradas as respostas dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da DE-Franca no Bloco 7 – perguntas 57 a 63. O total de respondentes foi de 405 alunos.

- Q57: Qual a condição da Internet para seus estudos? (A) Muito ruim; (B) Ruim; (C) Regular; (D) Boa; (E) Muito boa. Dos respondentes, 176 afirmam ter conexão à Internet classificada como muito ruim a regular, enquanto 229 têm uma conexão considerada boa ou excelente.
- Q58: Na sua casa tem lugar apropriado para você estudar via Internet? (A) Não, os lugares que têm não são bons para estudar; (B) Mais ou menos; (C) Sim, tem lugar apropriado para estudar. A maioria afirmou ter um local adequado ou pelo menos razoavelmente adequado para estudar (48%) durante a pandemia.
- Q59: Na maioria das vezes, como você acompanha as aulas via Internet? (A) Por computador (desktop ou laptop); (B) Por tablet; (C) Por celular. Quase 93% dos estudantes indicaram a alternativa (C). Os smartphones desempenharam papel

relevante durante a pandemia e, apesar de não possuírem telas de tamanhos adequados para assistir aulas, tais aparelhos possibilitaram o contato com o professor e colegas para momentos de aprendizagem síncrona.

- Q60: Você perdeu aulas ministradas pela Internet? (A) Perdi muitas aulas; (B) Perdi algumas aulas; (C) Participei de quase todas as aulas; (D) Participei de todas as aulas. A resposta dessa pergunta é interessante, pois, quase a metade dos estudantes (41%) declarou que perdeu muitas aulas, apesar de a maior parte deles ter afirmado possuir Internet boa ou muito boa, além de um local plausível para assistir as aulas remotas e estudar.
- Q61: No estudo remoto, do que você sentiu mais falta? (A) Dos colegas; (B) Dos professores; (C) De todas as pessoas da escola; (D) De ninguém. Os estudantes responderam sentir falta de todas as pessoas da escola (39%), seguido de seus colegas (35%). Como o período era de isolamento social, é possível notar, através das respostas, que a falta da convivência com pessoas de maneira geral, não apenas de seus colegas de sala, afetou os alunos de forma negativa.
- Q62: No estudo remoto, quem mais ajudou você nas aulas? (A) Os professores; (B) Os colegas; (C) Os pais ou irmãos; (D) Ninguém me ajudou. Verificou-se que, mesmo com todas as dificuldades e de não estarem preparados para o período de estudo remoto, os professores desempenharam um papel fundamental, sendo o principal apoio pedagógico dos estudantes (50% das respostas).
- Q63: Qual o sentimento que mais te dominou durante a pandemia? (A) Alegria; (B) Medo; (C) Preocupação; (D) Senti as mesmas coisas que sinto indo à escola presencialmente. Entre os respondentes, mais da metade afirmou estar dominada pela preocupação durante a pandemia, o que pode ser compreendido diante dos números alarmantes e do grande número de mortes no país.

A análise dos dados reforça a importância de interpretar os indicadores educacionais de forma contextualizada, evitando leituras simplistas ou conclusões baseadas exclusivamente na variação dos resultados. Os dados do SARESP, embora relevantes para o diagnóstico da aprendizagem, refletem um período excepcional da história educacional recente, exigindo cautela em seu uso para fins de responsabilização ou ranqueamento escolar. Nesse sentido, os resultados apontam para a necessidade de políticas públicas educacionais voltadas à recomposição das aprendizagens, com foco nos estudantes que apresentaram maiores defasagens. A utilização dos indicadores

educacionais como instrumentos de diagnóstico pode subsidiar ações pedagógicas mais equitativas, desde que articuladas a políticas de apoio às escolas, formação docente e acompanhamento contínuo das aprendizagens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar os impactos da pandemia da COVID-19 nos indicadores educacionais, a partir dos resultados do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), considerando os anos de 2019, 2021 e 2022, no contexto das escolas estaduais do município de Franca/SP. A comparação entre os períodos pré-pandêmico, pandêmico e pós-pandêmico permitiu evidenciar alterações significativas no desempenho dos estudantes, bem como desafios adicionais para a interpretação dos dados produzidos por avaliações em larga escala.

Os resultados indicaram queda no desempenho médio dos estudantes em 2021, especialmente nos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Matemática, acompanhada por aumento expressivo do percentual de alunos classificados no nível Abaixo do Básico. Tal comportamento sugere que os efeitos da interrupção das atividades presenciais e da adoção do ensino remoto emergencial impactaram de forma negativa a consolidação das aprendizagens, ampliando fragilidades já existentes no sistema educacional. Em 2022, observou-se tendência de recuperação parcial dos indicadores, ainda insuficiente para o retorno aos níveis registrados no período anterior à pandemia.

A análise conjunta das médias e da distribuição dos estudantes por níveis de proficiência revelou a importância de utilizar indicadores educacionais complementares para a compreensão do desempenho escolar. Enquanto a média oferece uma visão sintética do desempenho geral, o percentual de estudantes nos níveis mais baixos de proficiência evidencia desigualdades e situações de maior vulnerabilidade educacional, que podem ser ocultadas por análises baseadas exclusivamente em indicadores agregados.

Nesse sentido, os achados deste estudo reforçam a necessidade de cautela na leitura e no uso dos resultados das avaliações externas em contextos de crise. Os indicadores educacionais devem ser compreendidos como instrumentos de diagnóstico e apoio à tomada de decisão, e não como mecanismos de responsabilização descontextualizados da realidade vivenciada pelas escolas. A pandemia evidenciou que fatores externos ao ambiente escolar, como condições socioeconômicas, acesso a

tecnologias e apoio familiar, exercem influência significativa sobre os resultados das avaliações. Do ponto de vista das políticas públicas educacionais, os resultados apontam para a urgência de ações voltadas à recomposição das aprendizagens, com foco nos estudantes que apresentaram maiores defasagens durante o período pandêmico. Programas de apoio pedagógico, acompanhamento sistemático dos indicadores e estratégias de intervenção baseadas em evidências tornam-se fundamentais para mitigar os efeitos de longo prazo da crise sanitária sobre a trajetória escolar dos estudantes.

## REFERÊNCIAS


ALAVARSE, O. M.; BRAVO, M. H.; MACHADO, C. Avaliações externas e qualidade na educação básica: articulações e tendências. **Estudos em Avaliação Educacional**. V. 24, N. 54, P. 12-31, 2013.

BRASIL. [Sumário Executivo SARESP 2022]. Sumário Executivo SARESP 2022. São Paulo, SP: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2022. Disponível em: < https://saresp.fde.sp.gov.br/Arquivos/SumarioExecutivo_SARESP_2022.pdf> Acesso em: 01 fev. 2025.

BRITO, K. R. L. A.; Da CONCEIÇÃO, S. Avaliação em Larga Escala: Um Breve Histórico das Políticas Avaliativas no Sistema Educacional Brasileiro. **Revista Foco**, V. 17, N. 1, P. e4112, 2024.

CÁSSIO, F. Existe vida fora da BNCC? In: CÁSSIO, F.; CATELLI JR., R. (Org.). **Educação é a base? 23 educadores discutem a BNCC**. São Paulo: Ação Educativa, 2019. 320pp.

HOJAS, V. F. SARESP: a escola como produtora de políticas. 2017, 131 f. Tese (Doutorado em Educação) - UNESP Marília, 2017. Disponível em: Acesso em: < https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/4dc20cd8-e677-46e5-9fa1-726cddf33e69/content> 26 de jun. 2024.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SÃO PAULO. **Resolução SE nº27, de 29 de março de 1996**. Dispõe sobre o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo -SARESP. 1996. Disponível em: <http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/27_1996.htm>. Acesso em: 12 set. 2025.

SOARES, J. R.; BOCK, A. M. B.; MARQUES, E. de S. A. Impactos da pandemia da covid-19 na educação básica: a questão do fracasso escolar. **Educação**, V. 48, N. 1, P. e130/1–25, 2023.